

A CULTURA AMAZÔNICA EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCADORES POPULARES

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de – PPGED / UEPA – nildeapoluceno@uol.com.br.

SANTOS, Tânia Regina Lobato dos – PPGED / UEPA – tanielobato@superig.com.br

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: CNPq / UEPA

Introdução

Nas atividades educativas realizadas por um Núcleo de Educação Popular¹ da cidade de Belém do Pará, em comunidades hospitalares, periféricas e rurais-ribeirinhas², os educadores encontram representações sobre a cultura amazônica e suas manifestações nos textos, nos desenhos e nas falas dos alfabetizados e debatem em classe sobre essa temática.

Nas comunidades rurais-ribeirinhas a cultura amazônica, além do espaço escolar, é expressa na «cultura da conversa», oralidade dos mais antigos, que se utilizam dos espaços comunitários e religiosos para a transmissão dos saberes, dos valores e da tradição social das populações locais, configurando uma prática na qual a cultura é fundamental no processo de formação social dessas comunidades.

Por estar presente na prática alfabetizadora com pessoas jovens, adultas e idosas, as manifestações da cultura amazônica passam a se constituir em tema relevante de investigação, considerando-se que a relação que os educandos estabelecem com o saber construído no seu cotidiano social é fundamental ao desenvolvimento das práticas pedagógicas. Como afirma Freire (1995, p. 110): «abrir-se à 'alma' da cultura é deixar-se 'molhar-se', ensopar das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência», e o mergulhar nas «águas culturais» das massas populares, implica em compreendê-las para desenvolver uma nova prática pedagógica. Como nos diz Brandão (2002b, p.24):

¹ Referido neste texto como Núcleo.

² *Comunidades hospitalares* constituem espaços educativos com ofertas de turmas de alfabetização para pacientes em tratamento de saúde especializado, sendo estes espaços constituídos de uma associação de voluntariado que presta atendimento, em Belém, a pessoas em tratamento oncológico, e o outro, um albergue hospitalar, que atende crianças, jovens e adultos provenientes do interior do Estado. *Comunidades periféricas* constituem turmas de alfabetização ofertadas em centros comunitários, associações de moradores, entre outros, em bairros periféricos de Belém, com atendimento a jovens, adultos e idosos pertencentes às classes populares. *Comunidades rurais-ribeirinhas* constituem turmas de alfabetização de jovens, adultos e idosos residentes nas áreas ribeirinhas do município de São Domingos do Capim no Estado do Pará.

Viver uma cultura é conviver *com* e dentro de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa.

Viver a cultura amazônica é confrontar-se com a diversidade, com diferentes condições de vida locais, de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos: camponeses (ribeirinhos, pescadores, índios, remanescentes de quilombos, assentados, atingidos por barragens, entre outros) e citadinos (populações urbanas e periféricas das cidades da Amazônia) de diferentes matrizes étnicas e religiosas, com diversos valores e modos de vida, em interação com a biodiversidade dos ecossistemas aquáticos e terrestres da Amazônia.

Os educadores do Núcleo convivem com a diversidade cultural dessa população plural amazônica. Os saberes que envolvem a arte, a religiosidade, os costumes e os valores na cultura amazônica estão no centro dos debates sobre a formação e a prática de educação popular e o seu estudo possibilita à construção de novas diretrizes e práticas educativas, cujo ponto de partida é a reflexão sobre a práxis dos educadores e dos educandos contextualizada na cultura local, compreendendo-se que:

educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo (BRANDÃO, 2002b, p. 26).

Neste estudo realizou-se a cartografia dos saberes presentes nas práticas cotidianas pedagógicas de educadores e alfabetizados do Núcleo, com ênfase nas manifestações da cultura amazônica, com os objetivos de: (a) identificar as representações sobre a cultura amazônica presentes na prática cotidiana pedagógica de educadores e alfabetizados e (b) repensar a práxis alfabetizadora, a partir da reflexão sobre a própria prática dos educadores e dos educandos, contextualizada na diversidade de comunidades: hospitalares, periféricas e rurais-ribeirinhas.

Assim, a pesquisa de campo, concluída em 2006, teve na práxis alfabetizadora do Núcleo o ponto de partida, na qual está inserida a temática da cultura amazônica e suas manifestações, considerando como André e Ludke (1986) que a pesquisa

qualitativa implica um contato direto e constante no cotidiano escolar. Para Brandão (2003, p. 186) o *qualitativo* «é uma escolha fundada em uma leitura teórica, é um estilo de relacionamentos, é uma abordagem de fenômenos (de pessoas, da sociedade, da história, da cultura, da vida)».

Essa investigação é considerada, ainda, um *estudo da comunidade ou realidade social*, que segundo Brandão (2003, p.233), centra-se «sobre dados locais, fatos conectivos e percepções vivenciadas», com ênfase em dois aspectos: «1º) a participação integrada de professores e alunos de uma escola ou de um curso de alfabetização e 2º) a interação da equipe de pesquisa com a comunidade».

Ela é uma experiência participativa de busca e construção de conhecimentos em que alunos e professores se envolvem, cada um «na sua». De maneira tão ativa e diferenciada quanto possível. [...] Ela não é uma pesquisa *sobre* ou *na* comunidade. É uma pesquisa *da* e pretende ser, também, uma pesquisa *com* a comunidade (BRANDÃO, 2003, p. 234).

A pesquisa foi realizada em 07 turmas de comunidades periféricas, hospitalares e rurais-ribeirinhas, envolvendo 30 sujeitos, sendo 08 educadores e 19 alfabetizandos do Núcleo e 03 pessoas de comunidades ribeirinhas de São Domingos do Capim, por meio dos seguintes procedimentos: (a) *levantamento bibliográfico* sobre temas relativos à educação popular, saberes, cultura, cultura amazônica, representações sociais, entre outros, envolvendo estudos em grupos; (b) *levantamento documental* de relatórios de atividades dos educadores e das produções dos alfabetizandos (textos, discursos, desenhos); (c) *dinâmicas pedagógicas* com os alfabetizandos, envolvendo temas relativos à cultura amazônica; (d) *entrevistas* com os educadores do Núcleo, abrangendo temas como vivência com a cultura amazônica na vida pessoal, educativa e social, com ênfase para as atividades, manifestações e representações culturais dos alfabetizandos expressos nas turmas e dados sobre o planejamento, a metodologia e a avaliação.

O mapeamento cartográfico dos saberes expressos pelos educandos do Núcleo na prática cotidiana do espaço alfabetizador foi realizado como estratégia metodológica, tendo como referência a *cartografia simbólica*, compreendida como «modo de imaginar-se e representar-se a realidade social» (OLIVEIRA, 2003, p.12) e que conforme Santos (2002) permite a identificação das estruturas de representações dos diversos campos do saber sobre a realidade social. A cartografia dos saberes baseia-se, ainda, na «cartografia cultural» mencionada por McLaren (1991, p. 35), como uma tentativa de «delinear significados que existem, tanto na superfície, como submersos nos epitélios manifestos do encontro pedagógico».

A cartografia possibilitou o mapeamento de saberes culturais amazônicos: (a) vocabulário; (b) medicina popular; (c) culinária; (d) lendas e mitos; (e) religiosidade popular; (f) músicas e (g) a fauna e a flora, que representam traços subjetivos da história e da vida social das comunidades amazônicas envolvidas. Entretanto, neste texto, o nosso recorte é para as práticas dos educadores, refletindo sobre como trabalham pedagogicamente as representações dos alfabetizandos sobre a cultura amazônica e qual a influência da formação do Núcleo na prática dos educadores face às manifestações culturais dos alfabetizandos.

A sistematização e a análise dos dados foram efetivadas por meio de temáticas construídas em torno de quatro questões: (1) O que representam sobre a cultura amazônica? (2) Como manifestam a cultura amazônica nas práticas sociais e educacionais? (3) A que saberes as representações sobre cultura amazônica estão relacionadas? (4) Quais os efeitos dessas representações no ambiente social e educativo?

Essas questões pautam-se no pressuposto de que o conteúdo cognitivo das representações expressas pelos sujeitos está relacionado às condições socioculturais e ao estatuto epistemológico das representações sociais, que se dimensionam como uma forma de leitura do mundo, por sujeitos sócio-históricos, sendo, então, referência de certa posição social (CATTELAN, 2003). E, que as representações sociais são formadas no processo de comunicação social, no qual as pessoas adquirem «um repertório comum de interpretações e explicações, regras e comportamentos que podem ser aplicadas à vida cotidiana» (MOSCOVICI, 2004, p. 208).

O respeito dos educadores populares à diversidade cultural

A diversidade cultural da Amazônia constituída por suas lendas, culinária, música, saberes, imaginários, entre outros aspectos, é tratada pelos educadores com respeito. A educadora Rita³ (COM. HOSP.) afirmou não acreditar nas lendas amazônicas por ser evangélica, mas que procura conhecer aspectos da cultura amazônica como a dança do boi, as festas juninas e o Círio de Nazaré⁴ para trabalhá-los como educadora, afirmando respeitar a opção religiosa e cultural dos educandos.

Eu falo muito do Círio [...] Eu acho bonito, mesmo aqueles que fazem questão da auto-flagelação, porque poxa andar

³ Nomes fictícios para não serem identificados.

⁴ Festa religiosa realizada no segundo domingo de outubro, na cidade de Belém do Pará, em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, constituída de procissões, romarias, festas, arraial, entre outras homenagens.

descalço... [...] Mas aí faz parte daquilo também que a pessoa prometeu. Então com muito respeito eu comento [...] Porque eu posso não ter uma identificação com a Santa, com a imagem, mas o meu aluno tem. Então [...] eu não tenho direito de colocar o seu hábito à prova. Isso é uma coisa particular, de cada um. Então, se a gente começa respeitando, a gente não vai burlar o que a pessoa coloca, o que ela acredita.

Os educadores afirmaram vivenciar a cultura amazônica em sua vida pessoal e profissional no Núcleo. Na vida pessoal essa vivência é expressa pelas histórias contadas por pessoas da família e por amigos; pela participação em atividades culturais como o Boi, o Arraial da Pavulagem⁵ e a dança do carimbó⁶, pelo uso de amuletos em pingentes como o Muiraquitã,⁷ o uso de termos paraenses amazônidas como o «papa chibé⁸», pela música, como a do Waldemar Henrique⁹, o uso de medicina alternativa por meio de ervas e plantas medicinais, pela comida e bebida como o beiju, a tapioca e o açaí, além de práticas cotidianas sociais: o remar, o pescar e o fazer a farinha.

Eu adoro tomar açaí, eu adoro andar com cordões assim que tem um significado, por exemplo, agora eu estou usando um Muiraquitã [...] é muito comum a gente estar andando na rua e se deparar com determinadas linguagens “papa-chibés” (Ed. MÁRIO – COM. HOSP.)

Tem a música que eu gosto muito que são regionais e que valorizam a cultura amazônica. Cito Waldemar Henrique, que através da sua música resgata os imaginários das pessoas através das lendas. (Ed. EVA – COM. PERIF.).

Eu sei remar, pescar, fazer farinha, que eu não faço porque agora não tenho tempo, estou trabalhando como professora, mas já fiz muita farinha com meus pais. Sei fazer beiju, tapioca, sei tirar açaí e amassar e deixar ele pronto pra beber na hora (Ed. ALBA – COM. RIB.).

Identificamos, ainda, na fala da educadora Carla (COM. HOSP.), proveniente de sua formação familiar em Macapá e de sua vivência com a cultura amazônica, a referência à cultura negra e à indígena, por meio da dança Marabaixo.

Utilizo, principalmente por conta da minha criação, dou ênfase à medicina alternativa, da cura através das plantas e da música. Faço uso porque na minha infância eu tive muito contato com a cultura negra e indígena, através do Marabaixo. Lá em Macapá esta cultura é muito forte, é uma espécie de

⁵ Grupo folclórico Paraense que faz arrastão do boi, durante o mês de junho, na cidade de Belém.

⁶ Dança folclórica do Estado do Pará.

⁷ Amuleto da sorte cuja figura é um sapo.

⁸ Refere-se ao paraense, pessoa acostumada a tomar mingau feito da farinha d' água, o chibé.

⁹ Compositor e músico paraense.

religião, que tem a dança, a bebida, tem toda uma trajetória e quando criança por intermédio do meu padrasto eu tive muito contato, tem as músicas, são lindas as letras da música, ela vem da herança negra, e tem a bebida chamada gengibirra, que é de herança indígena, que tem um caráter transcendental. Ela permite um contato espiritual com os santos que são louvados, então eu cresci dentro desta cultura, havia muitos negros que participavam, e eu era a mais branquinha do meio, era muito natural a minha participação. Nas danças, gostava de ouvir o toque dos tambores, tem um dia do levantamento do mastro, tem um outro dia que é o almoço dos inocentes, que só as crianças almoçam, fazendo referência a santos que morreram na infância, daí toda esta herança desta experiência ainda está em mim.

A cultura amazônica é compreendida pela educadora Carla (COM. HOSP.) como algo inerente ao modo como o ser humano vive e se percebe no seu mundo cotidiano, delineando a organização dos grupos sociais.

No trabalho educativo quando a gente fala em cultura amazônica, mesmo vivenciando-a muitos a resume somente a cultura da floresta, ao saber da floresta, e não é somente isto. [...] Não é só folclore, não é só lenda e sim, é como o homem no seu cotidiano se percebe, como ele acha soluções, para a falta da chuva, ou do período da seca. Ela é constante no nosso dia a dia, quando ele fala que “quatro horas vai chover”; essas chuvas no horário certo são da nossa cultura, comer a manga que cai do pé, isto vai permeando a nossa cultura, isto vai identificando os grupos.

O trabalho pedagógico com a cultura amazônica

Nas práticas educativas populares os educadores afirmaram trabalhar com a cultura amazônica. A educadora Lúcia (COM. HOSP.) explica que trabalha a cultura amazônica em sala de aula, por meio das narrativas orais efetivadas pelos educandos. Já o educador Mário (COM. HOSP.) destaca que alguns temas possibilitam o debate da cultura amazônica como a fé, que relaciona com o Círio, a alimentação saudável com as frutas regionais como o cupuaçu e o açaí, bem como determinados costumes sociais relacionados ao clima quente da região amazônica.

Em minhas aulas eu sempre procuro resgatar a cultura de nossa região. Quando eu, por exemplo, falo da fé, é impossível não falar do Círio de Nazaré, quando eu falo de alimentação saudável não tem como não tocar no cupuaçu, no açaí e em outras frutas regionais [...] respeitar determinadas coisas de nossa região, por exemplo, o modo de vestir na nossa região, faz um calor danado.

Um dos pontos mencionados pela educadora Eva (COM. PERIF.) é que a manifestação cultural nas turmas do Núcleo é inevitável pelo fato de terem educandos provenientes do interior do Estado do Pará, que trazem saberes não apenas referentes a lendas amazônicas, mas, sobretudo, a atividades cotidianas sociais, como o trabalho.

No N. fazemos busca da cultura. É inevitável não trabalhar a cultura amazônica. Em todas as turmas que passei a maioria das pessoas são do interior [...] e que vêm com a cultura paraense acesa. Eles manifestam essa cultura não somente em relação às questões lendárias, mas através do trabalho da roça. Trazem o jerico. O que é o jerico? É um jumento que puxa o instrumento. E começamos a conhecer com eles esses termos. Tem alunos nossos que trabalham com a quebra de coco, plantação de mandioca, então não dá para não levar em consideração, porque essas pessoas constituem “a cultura amazônica viva”.

É importante destacar-se as falas da alfabetizanda Carmen (COM. RIB.), sobre o processo da produção do pão, e da Áurea (COM. RIB.), sobre a produção da cuia, ambas da comunidade ribeirinha, que evidenciam um fazer pedagógico presente nas práticas sociais cotidianas, e que é repassado na convivência comunitária e familiar, por meio da «cultura de conversa».

Ele (papai) fazia aquele pão, mas não ficava bem ajeitadinho, ficava feio. A gente não sabia, mas foi pelejando, pelejando e foi aprendendo [...]. Ele disse, “Olha aprende a fazer, depois que eu morrer tu vai sentir” [...] Eu vi esse pão e me lembrei, ele fazia com os meus filhos, “Ah eu vou fazer um pão pra tu guardar mandioca”. É importante pra levar pra roça, pra carregar.

Era a minha mãe que fazia muito. Pega de uma árvore [...] Bota numa bacia com mijo, tira e deixa um pouco pra secar, aí depois de secar tem que pintar com uma tinta chamada de cumatê, aí torna pra botar pra secar e depois que está bem sequinho vai tirar e já vai usar. [...] A gente usa a cuia pra tomar mingau, tomar tacacá, mingau de milho branco e açai [...] Pra tirar a farinha também. Essa tinta, cumatê, vem da casca de um pau que a gente tira.

O diálogo com os educandos adquire uma dimensão metodológica no trato pedagógico da cultura amazônica. Considera a educadora Paula (COM. PERIF.), que o papel do educador é compartilhar o conhecimento e a cultura de forma interdisciplinar, respeitando os saberes e as manifestações culturais dos educandos.

... cultura é o conhecimento que vem do povo, e nós temos que partir da realidade do aluno, do conhecimento que ele traz consigo [...] Encontramos alunos que trazem consigo um

conhecimento de mundo, uma leitura do mesmo, que é muito rica [...] E nós tentamos explorar as falas desses alunos [...] a gente vai descobrindo um pouco da vida do aluno e podemos até conceituar cultura a partir das falas dos alunos, partindo de um conhecimento empírico do que ele já sabe. Então, nós estamos trabalhando o conceito de cultura em sala de aula partindo da realidade do aluno.

Essa ação dialógica do educador passa a ser importante mediante os conflitos de saberes entre as gerações apontadas nas falas do morador Gil (COM. RIB.) e alfabetizanda Carmen (COM.RIB.) da comunidade ribeirinha, proveniente das mudanças socioculturais e educacionais entre a «educação como estudo¹⁰» e a «cultura de conversa».

No meu tempo, né, era muito difícil estudar e a minha criação foi muito diferente do que essas crianças estão tendo hoje. Eu escutei uma professora dizendo que antes era uma relação de medo e não de respeito. Mas hoje a gente vê que os jovens não têm aquele respeito que a gente tinha pelos nossos pais. Eu não estou culpando o professor, porque o dever dele é ensinar a ler e escrever. E hoje a gente nota que é muito diferente o modo de tratar, ele respeita menos, não tem aquela consideração assim com as pessoas, com os parentes. Antes quando a gente tava numa brincadeira, essas que só a rapazeada sabe mesmo e quando chegava uma pessoa mais velha gente parava na mesma hora devido ao respeito. Hoje a gente vê uma “canalhada” conversando, falando palavrão e antes se falasse pegava logo pancada, vai apanhar, não tem uma consideração como devia ter, que é uma pessoa humana e que devia respeitar o outro. Essa é uma diferença, mas o estudo é muito bom, muito bom, no dia a dia ele vai crescendo, vai tomando conhecimento melhor, desenvolvimento maior. (Mora. GIL – COM. RIB.).

A moradora nos leva a refletir sobre o caráter pragmático do estudo por possibilitar uma ascensão social, mas destaca uma desvantagem, a escola não está possibilitando o fomento dos valores comunitários e familiares do cuidar, do respeito ao outro e à natureza, ações de solidariedade, o sentimento de pertencimento a comunidade local, entre outras.

No tempo que nós se criemos era totalmente diferente. Eu digo “olha, eu nunca estudei”. Agora depois de velha que eu fico pelejando, pelejando, por causa de trabalho. Meu filho me diz “Ah, mamãe, não diga pros outros que sabem ler que a senhora nunca estudou”, mas eu falo a minha verdade, né. Eu

¹⁰ Para Oliveira e Mota Neto (2004, p. 65 e 63) a *educação como estudo* é «efetivada na escola por meio de um saber específico expresso pela escrita». Está «associada à instrução, à leitura e à escrita».

nunca estudei, porque o meu pai e a minha mãe diziam “ela não pode” e os outros tudo estudaram um pouquinho, aprenderam um pouquinho. Meu pai dizia, “não a Célia não vai porque é companheira da mãe dela”. Mas nesse tempo a gente trabalhava o dia inteiro, saí pra roça no mais tardar 7:00h e só ia voltar de tarde, lá pras 4:00h, 5:00h, e agora não, a gente vai 7:00 h, fica oito, nove, dez, no mais tardar 11 horas a gente volta pra casa. Tem vez que volta à tarde, mas tem vez que não. Nesse tempo era assim mesmo, é verdade (Alfa. CARMEN – COM. RIB.).

A fala de Carmen (COM. RIB.) expressa uma crítica à forma de como a mulher era excluída da escola, em função de suas atribuições sociais, como responsável pelo cuidar da casa, do marido, dos filhos e dos pais, apesar de trabalhar na roça da mesma forma que os demais membros da família. Destaca ainda a discriminação que sofre por não ter tido acesso a formação escolar.

Alguns educadores no seu trabalho educativo alfabetizador tratam do tema gerador cultura ou cultura amazônica, quando os educandos trazem o assunto nas conversas de classe, na exploração das datas comemorativas e por meio de outros temas como a higiene e determinados hábitos sociais. O tema cultura amazônica emerge no contexto de outros temas como o da religiosidade em que o Círio de Nazaré aparece tanto como manifestação religiosa quanto cultural. Outros trabalham, ainda, a cultura como tema gerador, que emerge das falas e das representações escritas dos educandos como os desenhos.

A gente trabalha muito a produção de desenhos, massinha e [...] eles usam esses instrumentos para demonstrar o que eles querem. Quando agente estava discutindo a temática Amazônia e o sub-tema o dia do índio, eles sentiram vontade de produzir cocar e foi muito interessante por que foi algo deles, e fizeram desenhos que lembravam muito as figuras marajoaras (Ed. LÚCIA – COM. HOSP.).

Afirmou a educadora Lúcia (COM. HOSP.) que o tema cultura nem sempre foi planejado, que é no diálogo travado com os educandos no ambiente educativo que aspectos da cultura amazônica são explorados. O trabalho com a cultura amazônica é valorizado porque está relacionado ao cotidiano social e cultural dos educandos.

Olha não necessariamente está no planejamento, a gente trabalha por temática. Então, a partir do diálogo que a gente tece com eles é que a gente pensa a necessidades de um tema, proposto por eles indiretamente nessa conversa. [...] Por ex: alimentação. Procuramos saber como se dava essa alimentação com o povo antigo dando um viés histórico, de

cultura, de como eles mesmos percebem essa alimentação, buscando uma linha com a cultura amazônica, que faz parte da realidade que eles vivem. [...] Acredito que quando a gente pensa na valorização do que eles trazem, na valorização do ser humano, com toda a construção histórica que eles já têm, isto é, uma proposta de estar trabalhando com a cultura deles. O N. dá uma diretriz de valorização da cultura amazônica.

Os educadores, também, buscam, em seu trabalho pedagógico, construir a identidade do educando como ser enraizado na história e na vida social de uma região específica, a Amazônia.

a gente trabalha com a realidade do aluno, com o conhecimento que ele já trás consigo. Trabalhar a educação popular é trabalhar com o povo, com as suas origens com as suas condições históricas [...] Quando tu procuras conhecer a identidade do teu aluno, de onde ele vem, nome, se está trabalhando. “Quem eu sou?” Por que ele vai estar falando de onde ele é, de onde ele veio, da região que ele está inserido, o que quem tem na região dele, a herança cultural dele mesmo. Então, a partir desse momento tu vais estar trabalhando a cultura amazônica do teu aluno [...] eles falam da região com orgulho de ser trabalhador, de ser lavrador... enfim falam da região amazônica então a gente começa a explorar a partir daí (Ed. PAULA – COM. PERIFÉRICA).

Essa valorização da cultura amazônica por estar associada ao contexto social e que emerge da expressão oral e escrita dos educandos aponta para a utilização do *diálogo* e da *autonomia* do sujeito na perspectiva freireana e que norteia a prática alfabetizadora dos educadores do Núcleo.

O diálogo em Paulo Freire está relacionado à autonomia dos sujeitos. Ele

tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não *nivela*, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito aos sujeitos nele engajados (1993, p. 118).

Os alfabetizados devem ser respeitados como sujeitos da educação, devendo ser escutados em suas falas. O *dizer a palavra*, expressando sua visão de mundo constitui para Freire (1997) um direito, o de tornar-se partícipe da decisão de transformar o mundo. E a participação implica em escolhas e em decisões de caráter ético.

A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas [...] A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. [...] É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 1997, p. 120-1).

A educadora Ana (COM. HOSP.) busca por meio do trabalho educativo com a cultura amazônica «resgatar as nossas raízes, já que somos brasileiros, temos que dar valor, procurando saber incentivar, para que outros também busquem conhecer» e a educadora Alba (COM. RIB.) pelo uso da ortografia. «Eu procuro usar a palavra do dia a dia deles: mandioca, roça, praga, canoa, remar. Se a gente vai trabalhar verbo, trabalha com um verbo como capinar. É desse modo que eu trabalho a partir da cultura».

A metodologia utilizada pelos educadores está centrada no diálogo, no incentivo às expressões orais e escritas dos educandos por meio de temas sociais e de interesses dos educandos e, também, por meio de músicas, de dramatizações, poemas, leituras de textos e passeios a pontos turísticos da cidade de Belém. Nestas atividades, conforme a educadora Paula (COM. PERIF.), os alfabetizandos:

falam muito das manifestações culturais herdadas dos seus antepassados. Nos textos relatam muito isso, o pai que foi agricultor, que às vezes trabalham para ajudar na subsistência da família [...] começam a relatar as histórias de vida deles mesmo, as danças, o casamento, a criação de pai pra filho [...] Produções de textos, dramatizações, cartazes, músicas, lendas, eles começam a inventar a partir da criatividade deles.

A educadora Alba (COM. RIB.) explica que em sua prática docente trabalha «visualizando como é a realidade», porque tem educandos que não sabem ler nem escrever, entretanto, «sabem ler outras coisas». Afirma por exemplo que uma das educandas «conhece muitas plantas medicinais», isto significa que os alfabetizandos possuem o que Paulo Freire denomina de *leitura de mundo*.

Para Freire (1982a, p.22) «a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra». Esse movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo evidencia ser o conhecimento um processo de relação existencial, social, cultural e político do ser humano com o mundo. Considera Freire (1990, p. 31) que: “ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever” o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo”.

A educadora Alba (COM. RIB.) ressalta, ainda, que mediante os saberes e a realidade cultural dos educandos diversifica a sua metodologia.

Tem dias que a gente faz trabalho de exposição, desenhos, tem dias que eu trabalho com livros. Pergunto pra eles o que eles querem. Para selecionar os conteúdos, nós consideramos a realidade. Tem dias que a gente chega na sala de aula e fala

assim “o que aconteceu hoje? Vamos tentar construir um texto.”. Quem sabe desenhar desenha quem quiser escrever, escreve. Essas atividades são todas relacionadas com a cultura deles, até porque é do cotidiano. Eu trabalho a partir da cultura assim. Por exemplo, mandioca. A partir da mandioca a gente começa a construir o conhecimento. A gente tem uma conversa, da conversa a gente faz um texto, monta-se o texto no quadro e vamos trabalhando o português, trabalhando com sílabas. Aí corrigimos as palavras, relacionamos com as outras matérias, de modo interdisciplinar. Eu passo trabalhos para eles expressarem a cultura deles.

Esse olhar para a realidade do educando como ponto de partida da prática pedagógica significa o respeito aos saberes e ao contexto cultural dos educandos. Considera Freire (1993, p. 86) que «o respeito ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo». Respeito ao educando como Outro que tem uma face, um nome, uma identidade em construção. Respeito traduzido pelo educador popular pela prática amorosa, solidária e de comunicação com o educando.

Para Brandão (2002a, p. 43):

a educação popular lida com rostos que tornam o seu rosto, entre tantos outros, popular. Ao escolher ir aos que ficaram à margem, ao convocá-los ao círculo do diálogo e não à monotonia das carteiras em filas silenciosas, o educador desta escolha aprende a viver a sua realidade. Ao dizer aos seus estudantes que digam o que pensam para que daí algo se construa da maneira mais solidária possível, o educador popular aprende a lidar, com o mistério do outro dentro de uma experiência de educação onde não se pode falar em pedagogia sem se falar – da maneira mais genuína possível – do amor. E é sempre ele quem aponta os caminhos e sugere os passos.

Alguns educadores afirmaram encontrar dificuldades no trabalho pedagógico no com a cultura amazônica, por falta de conhecimento sobre o assunto e por ser um assunto bastante amplo e rico com muitos aspectos a serem trabalhados. “...às vezes fica meio complicado a gente focar só um aspecto [...] a dificuldade é você dominar totalmente o assunto” (Ed. MÁRIO – COM. HOSP.).

A educadora Alba (COM. RIB.) afirmou também encontrar dificuldades no ensino da matemática, mas que a proposta pedagógica e o assessoramento do Núcleo a ajuda a superar as dificuldades. Utilizou a seguinte estratégia metodológica para melhorar o ensino da matemática: “a gente inventou um bingo, eu fiz umas cartelas de bingo, com palavras, letras, números. Aí cada um levava um prêmio, alguma coisinha: uma banana, um ovo, 1 kg de farinha. E eu achei que melhorou”.

O Núcleo como espaço de educação popular contribui para que os educadores trabalhem em suas práticas educativas com a cultura amazônica, sendo, entretanto, apontado pela educadora Paula (COM. PERIF.) que há necessidade nas formações continuadas de debates teórico-metodológicos sobre esse tema.

A forma de como o N. trabalha, a sua proposta pedagógica abre caminho para uma educação de qualidade, uma educação realmente libertária, que permite aos alunos se manifestarem, colocarem suas opiniões, seus anseios, suas frustrações, em relação a tudo que envolve e aos mais diversos assuntos principalmente em relação à cultura paraense, à cultura amazônica dos alfabetizados. Então, fica muito fácil com a proposta pedagógica de o N. transitar neste tema, dinamizar uma aula, [...] é uma proposta que auxilia trabalhar-se com temas amplos polêmicos, temas de relevância social (Ed. MÁRIO – COM. HOSP.).

A proposta pedagógica do N. está voltada para essa questão. [...] As manifestações culturais que surgem dos alunos são valorizadas. Temos, também, as formações continuadas proporcionadas pelo N., que ajuda nesse trabalho (Ed. EVA – COM. PERIF.).

Os educadores na avaliação da aprendizagem dos educandos levam em conta o tema cultura amazônica e, também, outros temas trabalhados nos ambientes educativos. A avaliação é qualitativa e contínua e os educadores buscam valorizar a cultura amazônica pelo fato do tema estar vinculado a vida e ao cotidiano dos educandos.

Uma educação de qualidade deve levar em conta a individualidade de cada aluno, o que eles falam na aula, às produções que eles executam. Então eu acho muito difícil desvincular a forma que o aluno se expressa, que ele manifesta sua cultura na própria avaliação, na verdade é um dos ingredientes avaliativos, é perceber de como se dá [...] essa interação do aluno com a própria cultura dele (Ed. MÁRIO – COM. HOSP.).

Tenho como pressuposto que a cultura Amazônica é inerente à vida desses sujeitos. [...]. Eles nasceram na beira do rio, no campo ou estão aqui em Belém, mas sempre as origens indígenas vão buscar a árvore genealógica no negro ou no índio. Não dá para falar de cultura popular sem considerar toda a história que eles trazem» (Ed. EVA – COM. PERIF.).

A avaliação é qualitativa e contínua. Esta expressão da cultura, esta expressão do conhecimento que se traz ao longo da vida e este reflexo que este conhecimento traz pra nossas vidas, esta cultura ribeirinha, esta cultura da roça, a cultura da religião, tudo isto é avaliado no sentido da valorização, usado

como subsídio pra construção das teias, do planejamento, do conteúdo (Ed. CARLA – COM. HOSP.).

Freire (1982b) enfatiza a importância dos educadores compreenderem que homens e mulheres são seres histórico-culturais e o papel da cultura no processo de libertação das classes oprimidas. Contra a cultura do silêncio imposta às classes oprimidas destaca a força política do «dizer a palavra». O respeito à pessoa do outro se constitui pelo respeito à cultura do outro, que se processa por meio de uma relação dialógica.

O meu respeito da identidade cultural do outro exige de mim que eu não pretenda impor ao outro uma forma de ser de minha cultura, que tem outros cursos, mas também o meu respeito não me impõe negar ao outro o que a curiosidade do outro e o que ele quer saber mais daquilo que sua cultura propõe [...] não é compreender só a cultura de lá, nem só a cultura de que eu faço parte, mas é sobretudo compreender a relação entre essas duas culturas. O problema é de relação: a verdade não está nem na cultura de lá e nem na minha, a verdade do ponto de vista da minha compreensão dela, está é na relação entre as duas (FREIRE, 2004, p. 83 e 75).

Neste sentido, considera Freire (2004, p. 57) que «não há prática pedagógica que não parta do concreto cultural e histórico do grupo com quem se trabalha».

Esses ensinamentos freireanos sobre educação e cultura possibilitam aos educadores populares do Núcleo não só trabalharem pedagogicamente as manifestações dos alfabetizados sobre a cultura amazônica como valorizarem os saberes emergentes dessa cultura.

Considerações Finais

Observamos que os educadores compreendem a cultura amazônica relacionada às práticas sociais vivenciadas no cotidiano social e à sua população, que se dimensiona pela diversidade étnica e cultural e pela pluralidade nas falas, crenças e especificidades de cada lugar.

A Cultura amazônica está presente na vida dos sujeitos da pesquisa repassada pela cultura de conversa, nos ambientes familiares e comunitários, cujo aprendizado, também, está presente nas atividades educativas desenvolvidas pelo Núcleo.

Os educadores têm consciência que a cultura amazônica é híbrida, multicultural, formada por populações e culturas diferentes e por isso, trabalham pedagogicamente a autonomia dos sujeitos e a originalidade de sua cultura, que são as vozes, os saberes, os costumes, os imaginários e representações das populações locais. Eles trabalham dialogicamente o conjunto de saberes culturais da Amazônia na sua pluralidade e

complexidade, concretizando o princípio freireano de solidariedade e de respeito à diversidade cultural dos educandos, que perpassa pelo respeito às diferentes manifestações religiosas.

Os educadores compreendem a cultura como algo inerente ao modo como o ser humano vive e se percebe no cotidiano delineando a organização de grupos sociais. Essa visão de cultura lhes possibilita construir com os educandos a identidade de pessoas pertencentes a uma história, a uma vida social de uma região específica, a Amazônia.

A base teórica ética e política freireana trabalhada pelo Núcleo, portanto, contribui tanto para a formação dos educadores, possibilitando-lhes refletir sobre a prática educativa, como no processo de construção da identidade cultural dos alfabetizados, tendo como ponto de partida pedagógico os seus saberes e contextos sociais.

Referências

- ANDRÉ, Marli. e LÜDKE, Menga. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *A educação popular na escola cidadã*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2002a.
- _____. *A Educação como cultura*. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002b.
- CATTELAN, João Carlos. Matrix!? In: GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (Org). *A análise do discurso: as materialidades do sentido*. 2 ed. São Carlos: SP: Claraluz, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Tolerância*. FREIRE, Ana Maria (Org.) São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *A educação na cidade*. 2e. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 2e. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- _____. e MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Editora autores Associados: Cortez, 1982a.
- _____. *Ação Cultural para a liberdade e outros escritos*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982b
- MACLAREN, Peter. *Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Petrópolis- RJ: Vozes. 1991.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 2 ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde; MOTA NETO, João Colares da. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In: OLIVEIRA, Ivanilde (Org.) *Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

____ (Org) *Saberes, imaginários e representações presentes nas práticas sociais cotidianas de jovens, adultos e idosos das comunidades ribeirinhas do município de São Domingos do Capim – Pará*. Relatório de Pesquisa. Belém: CCSE-UEPA, 2003.

SANTOS, Boaventura. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 4e. São Paulo: Cortez, 2002.